



# Contra o Racismo, Sexismo e pelo Bem-Viver!<sup>1</sup> Mulheres contra hegemônicas pensando uma nova forma de ser e existir

## Against Racism, Sexism and for the Well-Living! hegemonic women thinking about a new way of being and existing

Dayane Nayara Conceição de Assis<sup>2</sup>


 <https://orcid.org/0000-0003-0885-0715>

Recebido em: 23 de novembro de 2020.

Primeira revisão: 15 de maio de 2021.

Revisão final: 30 de julho de 2021.

Aprovado em: 06 de agosto de 2021.

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.12181>

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva apresentar algumas notas introdutórias sobre o conceito de Bem Viver, bem como estabelecer as possíveis conexões existentes com aquilo que tem sido produzido pelas mulheres negras e indígenas no Brasil. Partindo da experiência da Marcha de Mulheres Negras e a Marcha das Mulheres Indígenas sucedida em 2015. A ampliação do uso do conceito cinco anos depois é inegável, e chama a atenção para aquelas pessoas que pretendem produzir conhecimento acadêmico a esse respeito. Dialogando com a literatura latino-americana sobre Bem Viver, a escrita das feministas comunitárias; e as reivindicações das mulheres contra hegemônicas brasileiras; pretendo instigar as pessoas leitoras desse trabalho a pensarem a construção do Bem Viver para além de uma hipótese utópica, mas sim como uma proposta em curso e que já não pode ser interrompida.

**ABSTRACT:** The present work intends to present some introductory notes about the concept of Well-Living, as well as to establish the possible existing connections with what has been produced by black and indigenous women in Brazil. Based on the experience of the March of Black Women and the March of Indigenous Women in 2015, the expansion of the use of the concept five years later is undeniable, and draws attention to those people who intend to produce academic knowledge in this regard. Dialoguing with Latin American literature on Well-Living, the writing of community feminists and women's demands against Brazilian hegemonic; I intend to encourage people who read this work to think beyond a utopian hypothesis about the construction of Well-Living as an ongoing proposal that can no longer be interrupted.

**Palavras-chave:** Bem Viver, mulheres negras/indígenas, feminismos comunitários, decolonialidade.

**Keywords:** Well-Living, black/indigenous women, community feminisms, decoloniality.

1 Essa frase vem sendo usada como jargão nos movimentos de mulheres negras desde 2015, quando a marcha das mulheres negras se tornou pauta central desse movimento.

2 Membro de terceira geração da Família Alcântara Coral (MG). Doutoranda em Estudos Interdisciplinares Sobre Gênero, Mulheres e Feminismos (UFBA), Brasil. Bolsista FAPESB. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2646641025063825>. E-mail: [ladaiane@hotmail.com](mailto:ladaiane@hotmail.com)

“Nós somos o começo, o meio, e o começo.” (nêgo bispo)<sup>3</sup>

De forma cada vez mais vigorosa a discussão sobre a ruína do sistema socioeconômico sob o qual vivemos tem sido constatada de diversas formas. Se antes a possibilidade de revitalizar o sistema capitalista constituía-se como uma expectativa que atraía inúmeros adeptos, cada vez mais assistimos em âmbito mundial ganhar forças as teorias que proponham modelos alternativos a forma de viver que até então conhecemos no ocidente.

O reconhecimento do desgaste dos recursos naturais e das formas de governo aliadas ao conservadorismo não são uma novidade; ocasionalmente ao longo das últimas décadas essas pautas ganham visibilidade, sobretudo, no sentido de buscar alternativas a esse quadro quase sempre ligadas a noção de desenvolvimento.

O que temos de novo (porém nem tanto) é a forma como os marcadores sociais da diferença como gênero, raça, sexualidade, colonialidade, são incluídos nestas análises como conceitos indispensáveis para pensar as noções de desenvolvimento, e de que forma as mesmas atingem a cada indivíduo e por consequência coletivamente os grupos sociais aos quais pertencem, essa mudança no olhar altera o tom dessa discussão e ganha protagonismo como noções indispensáveis para o debate.

Na América Latina ao mesmo tempo em que assistimos preocupados o avanço do conservadorismo político é perceptível a ofensiva dos corpos racializados, gendrados e que questionam os falsos limites entre centro e periferia recusando como revolucionária qualquer tentativa de transformação que se recuse a construir-se fora dessas análises.

Para esse artigo interesse-me apresentar algumas reflexões iniciais sobre as propostas apresentadas pelos movimentos de mulheres negras e indígenas nos seus mais recentes debates, partindo de um conceito que tem ganhado eco dentro e fora das construções acadêmicas, a saber, a noção de Bem Viver.

Desde meu conhecimento situado como mulher negra, acadêmica, periférica que viveu os momentos iniciais da organização da Marcha das Mulheres Negras (2015) busco ponderar as correspondências entre as práxis políticas na América Latina que subsidiam a formulação de tal conceito com a radicalidade das propostas feitas pelas mulheres não hegemônicas brasileiras. De forma secundária, porém não menos importante, evidenciar de que forma essas convicções questionam desde dentro entendimentos sobre a categoria gênero aliadas às perspectivas individuais e neoliberais também é o foco deste trabalho.

Procedendo desde o questionamento de pressupostos tão estanques como a própria noção de pessoa, desenvolvimento e subsistência interessa-me pensar o impacto das propostas formuladas a partir das teorias do Bem-Viver, bem como, perceber de forma crítica as apropriações indevidas dessa proposta sem a devida transformação social para os grupos envolvidos.

Convido as leitoras/es a embarcarem nessa leitura entendendo que a mesma é marcada por eventos que estão em curso no momento em que essas ideias se constituem e que, portanto, trans-

---

<sup>3</sup> Trecho do poema recitado pelo Quilombola na ocasião do prêmio Mestre da Periferia. Disponível em: <https://rioonwachtch.org.br/?p=35610>. Acesso em: 23 nov. 2020.

crevem uma realidade ainda em construção.

## Ser feliz, não sorridente!

Desde que ganhou visibilidade na realidade dos movimentos sociais em meados de 2013, tendo seu ápice em 2015, o conceito de Bem Viver tem sido acompanhado de uma imprecisão conceitual no que se refere ao seu marco de surgimento e origem quanto a localidade. É de comum acordo que se trata antes de tudo de uma cosmovisão partilhada por diversos povos tradicionais da América Latina, embora com nomenclaturas diferentes.

Partindo da concepção de que se trata da tradução espanhola do *quéchua Sumak Kawsay* ("Sumak" significaria plenitude e "Kawsay", viver) ou do *aymara Suma Qamaña* com igual sentido é necessário sinalizar que antes de traduzir-se como uma categoria política o *Bun Vivir* é uma filosofia de vida, um modo de existir e como tal ao ser traduzido agrega as concepções e elementos de outra cultura; uma vez que sistemas filosóficos em sua diversidade possuem engrenagens próprias para seu funcionamento.

E como definir então esse conceito? Como referência para nós nesse debate convém lembrar Alberto Acosta em que ao escrever **O bem viver: Uma oportunidade para imaginar outro mundo possível** o autor nos chama atenção para a seguinte definição do conceito:

Neste livro, o Bem Viver, Buen Vivir ou Vivir Bien também pode ser interpretado como *sumak kawsay* (kíchwa), *suma qamaña* (aymara) ou *nhandereko* (guarani), e se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida. Não se trata de uma receita expressa em alguns poucos artigos constitucionais e tampouco de um novo regime de desenvolvimento. O Bem Viver é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza. (ACOSTA, 2015, p. 23)

Percebam que para Acosta (2015) é importante retomar a ideia do caráter filosófico do conceito desde uma perspectiva indígena e que ao ser traduzida como uma política de Estado não pode tornar-se a letra fria da lei. Trata-se de uma proposta que tem como intenção trazer um novo marco civilizatório frente a um mundo que como conhecemos já não se sustenta. Com isso, acredito ser importante destacar alguns pontos basilares desta proposta. O primeiro deles é a compreensão que a divisão do mundo como desenvolvidos ou subdesenvolvidos, tendo como base apenas aspectos econômicos, já não é mais facilmente justificável frente a realidade social na contemporaneidade.

Ainda sobre a ideia de desenvolvimento podemos dizer que historicamente construiu-se objetivos inalcançáveis para grande parte do mundo, tendo como espelho sociedades que se formaram assim como são a partir da exploração colonial. Com isso, a sensação de impotência frente a realidade social, e a internalização de valores civilizatórios estabelecidos como subdesenvolvidos, acaba por definir a realidade dos povos fora da centralidade europeia.

Enquanto marco histórico há um entendimento de que as noções sobre Bem Viver aludem aos escritos do indígena Aymara Felipe Guamán Poma de Ayala (1611) que ao escrever **Primer Nueva Crónica y Buen Gobierno**, reivindicava práticas de bom governo e bem viver que só poderiam ser alcançados quando os povos tradicionais pudessem novamente administrar seus territórios a partir de

seus saberes (LACERDA; FEITOSA, 2015). Desde então é seguro dizer que se tornou um termo polisêmico no qual as realidades locais ditam em certa medida seu significado sem perder de vista alguns pressupostos comuns como sua base.

Uma outra definição sobre o conceito proposta por DÁVALOS (2018) chama a atenção em buscar estabelecer uma relação entre desenvolvimento econômico, mercantilização da vida e a proposta da construção de um outro mundo possível; partindo da ideia de *Sumak kawsay* oriundo dos povos Kechwa o autor dirá que:

O bem viver é uma concepção de vida distante dos parâmetros mais caros da modernidade e do crescimento econômico: o individualismo, a busca do lucro, a relação custo-benefício como axiomática social, o uso da natureza, a relação estratégica entre os seres humanos, a mercantilização total de todas as esferas da vida humana, a violência inerente ao egoísmo do consumidor, etc. O bem viver expressa uma relação diferente entre os seres humanos e com seu ambiente social e natural. O bem viver incorpora uma dimensão humana, ética e holística à relação do ser humano com a sua própria história e com a sua natureza. (DÁVALOS, 2018)

Um ponto central da discussão sobre Bem Viver é o questionamento que se faz sobre a falsa divisão estabelecida ao longo da história do mundo ocidental de que o Homem, e aqui já chamo atenção para a percepção de gênero sobre essa definição, com o que estabelecemos como Natureza. Dentro dessa visão a noção de que homem e natureza são polos antagônicos corrobora para que seja aceitável a noção que o primeiro se estabelece em posição superior ao segundo; isso em última medida se transformará na ideia de que o homem está para cultura, assim como a mulher está para a natureza, sendo que a cultura nessa trama significa a superação da natureza fortalecendo concepções sexistas em nossa sociedade (SORJ, 1992).

Essa visão antropocentrada, ou seja, voltada para o homem na centralidade do existir é rejeitada dentro da perspectiva do Bem Viver que reitera que enquanto comunidade somos parte integrante dessa Natureza na mesma posicionalidade das demais existências que compõem esse complexo sistema. Nesse sentido, a chamada racionalidade não se constitui como um diferencial suficiente para nos colocar em posição de centralidade no sistema, antes pelo contrário, o chamado antropoceno evidencia-se como a era em que a destruição dos mais variados sistemas na Terra avançou de forma significativa.

A esse respeito considero importante destacar o pensamento do intelectual indígena Ailton Krenak que aponta para o fato de que historicamente a sociedade ocidental aprendeu a pensar a Natureza como sistema infinito em termos de uso de recursos. Krenak (2019) nos inquieta a pensar a maneira como construímos essa percepção da Natureza como uma figura materna de onde jorra inesgotáveis recursos para nos suprir e que será eterno como uma das maiores marcas do antropoceno, além disso esse deslocamento da humanidade do próprio sistema da natureza ainda encontrou resistência nos povos marginalizados em todos os cantos; como pontua o autor:

Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, na margem dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caçaras, índios, quilombos, aborígenes- a sub-humanidade [...]. (KRENAK, 2019, p. 21-22)

Vale ressaltar que a proposta do Bem Viver se apresenta como um anseio global, porém não homogênea uma vez que sua intenção é agregar as mais diversas propostas partindo de um pressuposto decolonial de valorização das experiências locais dadas as especificidades de cada sociedade. Por essa razão, podemos dizer que a crítica ao desenvolvimentismo, a produtividade como valor absoluta e a busca pela plenitude, apresentam-se como pressupostos dessa filosofia de vida, contudo, o significado até mesmo do sentido de produtividade deve ser construído a partir das vivências diversas de cada lugar; ainda citando Acosta (2015, p. 39):

A proposta do Bem Viver, desde que assumida ativamente pela sociedade, pode projetar-se com força nos debates mundiais. Poderia ser inclusive um detonante para enfrentar positivamente a crescente alienação de uma grande maioria dos seres humanos. Em outras palavras, a discussão sobre o Bem Viver não deveria circunscrever-se às realidades andina e amazônica. Apesar de reconhecermos a extrema dificuldade para se construir o Bem Viver em comunidades imersas no turbilhão do capitalismo, estamos convencidos de que há muitas opções para começar a praticá-lo em outros lugares do planeta, inclusive nos países industrializados.

Não posso deixar de mencionar que um dos principais pressupostos do Bem Viver é que ele não se apresenta como uma alternativa ao capitalismo, antes, porém, sua principal intenção é demonstrar que não há uma via alternativa a esse sistema; daí a radicalidade da proposta. Uma interessante provocação nesse sentido é pensar a diferença entre as concepções de Desenvolvimento Alternativo e Alternativa ao Desenvolvimento, uma vez que a primeira proposta visa ajustes para tornar mais "confortável" a esse sistema, enquanto a segunda, diz sobre a possibilidade de um novo mundo que somente será possível fora dos paradigmas em que hoje vivemos.

Sobre essa diferença é importante estarmos atentas ao que nos apresenta Constante (2018) quando a mesma escreve desde uma perspectiva calcada nas teorias decolonias propostas por Quijano (2005) onde se lê:

O Buen Vivir consiste em uma proposta de superação e construção de uma alternativa de mundo (nesse momento não cogitada por muitos) que permite reflexionar sobre a construção e consolidação de uma teoria econômica alternativa a partir da América Latina e da epistemologia da periferia mundial. (CONSTANTE, 2018, p. 86)

É importante salientar que a busca pela plenitude através da alternativa ao desenvolvimento proposta pelo Bem Viver, embora nasça de uma cosmovisão filosófica, sua tradução busca concretizar-se por meio de mudanças constitucionais e políticas de Estado contrariando uma das principais críticas feitas a seu respeito; que é o caráter utópico desses pressupostos. Isso fica evidente

quando observamos o caso da Bolívia e do Equador onde desde uma discussão sobre os Estados Plurinacionais e a transformação das constituições a partir dos povos originários ocupando esses espaços políticos, incorporaram constitucionalmente a proposta do Bem Viver.

Embora a efetivação de tais propostas enquanto direito constitucional ainda enfrente obstáculos, somente o fato de garantir a inclusão no texto constitucional e a ocupação de cargos políticos por mulheres e homens indígenas, podem ser vistas como um avanço histórico de uma discussão que já vinha ganhando escopo nos movimentos sociais. Como veremos a seguir no caso Brasileiro principalmente os movimentos de mulheres negras e indígenas se inspiram e buscam fazer o mesmo caminho, embora as particularidades da sociedade brasileira e da própria formação dos feminismos contra-hegemônicos tornem um pouco mais dificultosa essa tarefa.

Portanto, quais seriam as possíveis correspondências entre movimentos feministas e Bem Viver? Como primeiro passo para responder a esse questionamento considero importante apontar que dentre as proposições apontadas pela cosmovisão assentada nos princípios do Bem Viver é que ele só é possível desde que haja a valorização de princípios comunitários, e esses princípios, sejam construídos de maneira a valorizar as contribuições de todos sem distinção.

Não se trata, contudo, de romantizar os conflitos sociais ou minimizar sua existência, antes, porém, o grande contributo dessa perspectiva é não exacerbar e hierarquizar as diferenças sociais como ocorre na atualidade. Dessa maneira, apresenta-se como uma grande possibilidade de tornar-se uma ferramenta aliada no combate às desigualdades de gênero, raça, classe, sexualidade entre outras questões que nada mais são do que marcas tangíveis da colonialidade.

A seguir irei apresentar alguns pontos da discussão a partir da visão das mulheres negras e indígenas que apontam para um novo rumo da discussão no contexto brasileiro, entendendo de que maneira essas mudanças de perspectiva impactam as dinâmicas dos movimentos sociais e a produção de conhecimento acerca do tema desde a experiência dessas mulheres.

## Contra o machismo, racismo e pelo bem-viver! As propostas das forasteiras de dentro<sup>4</sup>

A sabedoria milenar que herdamos de nossas ancestrais se traduz na concepção do Bem Viver, que funda e constitui as novas concepções de gestão do coletivo e do individual; da natureza, política e da cultura, que estabelecem sentido e valor à nossa existência, calcados na utópica de viver e construir o mundo de todas(os) e para todas(os).<sup>5</sup>

Não há como negar que o ano de 2015 sem dúvidas representou um marco no que diz respeito aos movimentos de mulheres negras e indígenas no Brasil, marcados com suas respectivas marchas e propostas políticas. Já no processo de construção da marcha das mulheres negras no ano anterior

---

4 Essa foi a temática da Marcha das mulheres negras em 2015, sobre o conceito de forasteiras de dentro ofereço a proposta trazida por Patricia Hill Collins desde o feminismo negro norte-americano onde a mesma apresenta como *outsider wins* as mulheres negras por estarem à margem da produção teórica sobre os feminismos; forasteiras de dentro, portanto, é uma tradução livre feita pela autora desse trabalho.

5 Trecho do documento final da Marcha das mulheres Negras (2015). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-das-mulheres-negras-2015/>. Acesso em: 30 nov. 2020.



a definição da temática trazia em seu cerne o Bem Viver como ideia central defendida por essas mulheres.

Se entendermos que as teorias efetuam viagens transatlânticas e que de fato as discussões sobre gênero e feminismos na América Latina têm ganhado visibilidade pelo protagonismo das mulheres inscritas em categorias não hegemônicas, não seria incorreto afirmar que as discussões sobre Bem Viver, já em estado avançado em outros países do continente, tenham chegado até aqui.

As correspondências entre feminismos e Bem Viver já se estabeleceram entre as mulheres que defendem a perspectiva comunitária do feminismo, se colocando de forma crítica em relação aos chamados feminismos da igualdade e da diferença que tiveram sua efervescência na década de oitenta; esse feminismo enxerga no fortalecimento da comunidade como um todo a chave para romper com as desigualdades de gênero, nas palavras de Julieta Paredes define-se da seguinte forma:

El feminismo comunitario es un movimiento social, que responde a la forma circular del conocimiento y del pensamiento, que recuperamos críticamente de nuestros pueblos originarios, formas del ser y del pensar que hoy las tomamos, las repensamos y replanteamos, para que nos permitan superar formas de construir conocimiento, fragmentado, androcéntrico, lineal, racional y dominador de la naturaleza, formas que son incapaces de relacionar y tejer formas de la vida, para todo lo que vive y existe. (PAREDES, 2018, p. 62)

Refletindo sobre o que nos apresenta Paredes (2018) é possível perceber que de fato aqui há uma correspondência como o que apontamos anteriormente em relação ao conceito de Bem Viver, sobretudo, a dimensão que se refere a falsa dicotomia entre cultura e natureza típica do pensamento ocidental.

Por esse motivo, as discussões feministas a esse respeito entendem que a dominação/exploração da natureza está diretamente ligada à dominação e desigualdade de gênero vivida pelas mulheres (SORJ, 1992). É por essa razão que a prática do Bem Viver pode vir a ser útil para repensar essas relações; embora muitas vezes esse questionamento vindo de mulheres inseridas nos grupos hegemônicos não proponham uma ruptura completa com o modelo neoliberal.

No caso dos feminismos comunitários convém lembrar as palavras de Cabnal (2010, p. 6-7), que aponta:

Quiero iniciar diciendo que, para mí, es una recreación y creación de pensamiento político ideológico feminista y cosmogónico, que ha surgido para reinterpretar las realidades de la vida histórica y cotidiana de las mujeres indígenas, dentro del mundo indígena. Esta propuesta ha sido elaborada desde el pensamiento y sentir de mujeres indígenas que nos asumimos feministas comunitarias.

Observe que desde essa epistemologia feminista o Bem Viver é visto como uma ferramenta que torna possível a operacionalização dos princípios pensados por essas mulheres para suas comunidades, nesse caso trata-se da metodologia organizacional para que aquilo que pretende esse feminismo se torne real. Nas palavras de Paredes (2014, p. 88) essa metodologia pensada a partir do Bem Viver possui cinco campos de ação, a saber: "o corpo das mulheres, o espaço das mulheres, o tempo das mulheres, o movimento das mulheres e a memória das mulheres".

Algumas correspondências podem ser estabelecidas com as propostas de Bem Viver levantadas pelas mulheres negras e indígenas brasileiras, a primeira delas que desejo destacar, é a importância da comunidade dentro da prática feminista negra. Embora teoricamente não seja possível afirmar que o surgimento do feminismo negro no Brasil tenha se dado com base nos princípios comunitaristas das mulheres indígenas e não brancas, de maneira geral na América Latina, não é difícil identificar a importância do alcance comunitário que as mulheres negras reivindicam no Brasil.

Entre as feministas negras que optaram por pensar o lugar da mulher negra no Brasil Sueli Carneiro, Luiza Bairros, Beatriz Nascimento, entre tantas outras, apontaram a dupla militância dessas mulheres negras em garantir suas pautas nos movimentos de mulheres e movimentos negros de forma simultânea. Lélia Gonzalez (2018) foi assertiva no sentido de pontuar como nós negros nos encontramos na “lata de lixo da sociedade brasileira”.

É correto dizer que de modo geral, guardada as devidas diferenciações, os feminismos construídos pelas mulheres negras brasileiras sempre apontaram para a árdua tarefa de evidenciar as profundas desigualdades em nossa sociedade, derivadas não só do racismo estrutural, mas também do atravessamento do sexismo que impede essas mulheres de saírem da invisibilidade que lhes é imposta. Entre essas intelectuais negras nos chama a atenção o pensamento de Lélia Gonzalez justamente por trazer essa percepção que valoriza a aproximação entre as lutas das mulheres negras e indígenas.

Ao apontar a forma como Gonzalez (1980) ao nos identificar como Amefricanas demonstra que essas mulheres poderiam ser sujeitos de diferentes feminismos, Cardoso (2014, p. 05) irá escrever:

Amefricanidade, categoria cunhada por Lélia Gonzalez nos anos de 1980, que se insere na perspectiva pós-colonial, surge no contexto traçado tanto pela diáspora negra quanto pelo extermínio da população indígena das Américas e recupera as histórias de resistência e luta dos povos colonizados contra as violências geradas pela colonialidade do poder. A partir das resistências, como mecanismos estratégicos de visibilidade da história desses grupos, tem por objetivo pensar ‘desde dentro’ as culturas indígenas e africanas e, assim, afastar-se cada vez mais de interpretações centradas na visão de mundo do pensamento moderno europeu. Na verdade, a proposta de Lélia Gonzalez é epistemológica, pois, do ponto de vista da amefricanidade, propõe a abordagem interligada do “racismo, colonialismo, imperialismo e seus efeitos.

Necessário recordar que a Marcha das Mulheres Negras e a Marcha das Mulheres Indígenas no ano 2015 foram resultados de uma intensa organização dos movimentos dessas mulheres, onde anteriormente se articularam à nível municipal e estadual até culminar nessa grande marcha. Como é comum a toda organização que se estabeleça dessa forma os encontros e reuniões preparatórios em todo Brasil serviu de base para diálogo sobre o que enfim queriam essas mulheres para Si, para sua comunidade e para o país como um todo.

Convém lembrar que do ponto de vista político vivenciávamos o crescimento exponencial de uma onda conservadora que combate toda e qualquer aproximação aos debates de gênero, raça e sexualidade e que, portanto, organizar-se de forma autônoma, sobretudo financeiramente, cancelou a força e estratégia organizacional dessas mulheres que em suas diversidades projetou, inclusive, internacionalmente a relevância dos movimentos de mulheres negras e indígenas por aqui.

Os documentos produzidos a partir dos momentos preparatórios e das próprias marchas das



mulheres negras e indígenas demonstram o alinhamento desses movimentos a essa forte onda em toda América Latina de pensar uma nova forma de organização social partindo da concepção do Bem Viver. A seguir destaco alguns tópicos que considero relevante para nossa discussão<sup>6</sup>:

a) Alinhamento Transnacional da proposta do bem viver.

Nós, mulheres negras do Brasil, irmanadas com as mulheres do mundo afetadas pelo racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia e outras formas de discriminação, estamos em marcha. Inspiradas em nossa ancestralidade somos portadoras de um legado que afirma um novo pacto civilizatório. (CARTA DAS MULHERES NEGRAS, 2015)

A percepção de que o Bem Viver é uma concepção que rompe com barreiras como nacionalidade e que se pretende como uma proposta que pode ser levada desde uma perspectiva transnacional é uma importante característica desse conceito. Desde que atravessadas por um mesmo ou mais de um eixo de subordinação conforme propõe Crenshaw (1993) mulheres de sociedade diversas compartilham de experiências que devem ser pensadas desde suas similitudes para que ferramentas contra opressão sejam pensadas desde esse princípio. Não se trata, contudo, de um processo de universalização dessas mulheres, uma vez que a localidade e o conhecimento situado subsidiado desde o ponto de vista privilegiado de mulheres que estando à margem também enxergam o centro, chamadas por Collins (2016) de *forasteiras de dentro*, são significativos e valorizados.

b) Reivindicação dos saberes ancestrais como base organizacional

A sabedoria milenar que herdamos de nossas ancestrais se traduz na concepção do Bem Viver, que funda e constitui as novas concepções de gestão do coletivo e do individual; da natureza, política e da cultura, que estabelecem sentido e valor à nossa existência, calcados na utópica de viver e construir o mundo de todas(os) e para todas(os). (CARTA DAS MULHERES INDÍGENAS, 2015)

Não é incomum que os escritos sobre Bem Viver em todas as suas versões reivindiquem a sabedoria ancestral para fundamentar suas propostas; a ideia de valorizar os conhecimentos e modos de vida daqueles que vieram antes de nós representa nesse sentido o desejo de recuperar o momento anterior a todo esse processo de colonização e ocidentalização que vivemos, e que nos trouxe ao estado atual das coisas. Essa concepção de vida contrapõe a uma perspectiva vivida pelos grupos hegemônicos que se instauraram nas estruturas de poder e que enxergam o chamado novo mundo como uma superação desse modo de vida ancorado nos saberes ancestrais.

Desse modo, me parece correto afirmar que só é possível a prática integrada do Bem Viver quando voltarmos nosso olhar para os fundamentos de nossas tradições; entendendo aqui o conceito de tradição em um lugar que admite a mutabilidade de acordo com as mudanças sociais. Trata-

---

6 Os trechos abaixo compõem os documentos da Marcha das Mulheres Negras, e da Marcha das Mulheres Indígenas disponíveis *online*, nos seguintes endereços: <https://www.geledes.org.br/carta-das-mulheres-negras-2015/>, <https://cimi.org.br/2019/08/marcha-mulheres-indigenas-documento-final-lutar-pelos-nossos-territorios-lutar-pelo-nosso-direito-vida/>

-se, portanto, de estabelecermos cosmovisões outras para a gestão da vida coletiva como um modo de garantir a possibilidade da existência de outras bases organizacionais para nossas sociedades baseadas nos conhecimentos milenares apagados pela colonização.

c) Protagonismo das mulheres e dos povos tradicionais na condução da mudança

Na condição de protagonistas oferecemos ao Estado e a Sociedade brasileiros nossas experiências como forma de construirmos coletivamente uma outra dinâmica de vida e ação política, que só é possível por meio da superação do racismo, do sexismo e de todas as formas de discriminação, responsáveis pela negação da humanidade de mulheres e homens negros. (CARTA DAS MULHERES INDÍGENAS, 2015)

Esse ponto em específico nos leva a refletir que embora o Bem Viver nasça como uma filosofia, uma cosmovisão sobre a possibilidade de um novo pacto coletivo, suas acepções encaminham para a transformação das estruturas sociais para que sua realização seja possível. Nesse tocante, a condução para os caminhos que levam a essa nova possibilidade de existir devem ser obrigatoriamente pelos povos e comunidades tradicionais, e a frente deles as mulheres na ocupação dos espaços de poder. Sobre essa questão, como mencionamos anteriormente, a Bolívia e o Equador tem sido exemplos na América Latina em tornar as concepções do Bem Viver política de Estado de uma maneira transversal.

No Brasil, não podemos dizer que tal nível ainda não foi alcançado, porém é notável o crescimento de uma nova onda liderada por essas mulheres no intuito de frear essa onda conservadora que avança, e certamente o fazer político dessas mulheres nos grupos contra hegemônicos já se consolidam como uma tendência política e esboçam em seus postulados políticos aquilo que indica o Bem Viver como um todo.

d) "Território: Nosso corpo, nosso espírito"

Lutar pelos direitos de nossos territórios é lutar pelo nosso direito à vida. A vida e o território são a mesma coisa, pois a terra nos dá nosso alimento, nossa medicina tradicional, nossa saúde e nossa dignidade. Perder o território é perder nossa mãe. Quem tem território, tem mãe, tem colo. E quem tem colo tem cura. (CARTA DAS MULHERES INDÍGENAS, 2015)

Entender o corpo como território é fundamental quando nós voltamos para a construção das lutas que se estabelecem desde a perspectiva do Bem Viver, desde esse ponto de vista a construção ocidental que valoriza a separação corpo e mente em uma falsa dualidade não se sustenta. Dessa maneira, o território enquanto espaço geográfico e o corpo ocupam em grau de importância já que não faz sentido entendermo-nos como humanos versus a natureza enquanto espaço biossocial e conforme nos alerta Krenak (2019) nós somos a natureza, a montanha é nossa irmã e aquele rio nosso avô.

Essa reivindicação tem sido mais frequente nas falas das mulheres indígenas o que é perfeitamente entendido se não perdermos de vista a perspectiva histórica que nos demonstra o genocídio

em curso dos povos indígenas e a busca em garantir sua inexistência partindo de várias frentes de ataque sendo a perda de seu território uma delas e talvez a mais cruel.

Compreender o corpo como campo de batalha também pode ser um caminho para a superação das imagens de controle (COLLINS, 2000), historicamente construídas sobre os corpos de mulheres negras e indígenas, e reposicioná-las socialmente desde o controle de seus corpos antes subjugados construindo narrativas próprias.

Partindo da perspectiva construída dentro dos feminismos comunitários que, como já mencionamos anteriormente, se ancoram nas premissas do Bem Viver para existir, Julieta Paredes nos ensina que é necessário “fazer política desde o corpo”. “Entendo tal perspectiva como uma metodologia onde as histórias e sabedorias que carregam os corpos de mulheres, corpos esses diversos, é a própria práxis política” (PAREDES, 2018 p. 96).

O discurso histórico de Célia Xakriabá na Marcha das Mulheres Indígenas afirma que “as mulheres indígenas aprendem muito mais com a árvore viva, do que com o papel morto” segue a linha dessa discussão que propomos ao pensar a corporalidade dentro da concepção de Bem Viver, nas palavras dela: “vai ser nós, mulheres indígenas, com nossos corpos, que vamos descolonizar a sociedade brasileira que tem matado a nossa história e a nossa memória”.<sup>7</sup>

Para além do que já foi exposto, acredito que a dimensão do território aqui colocada tem servido como elo de aproximação entre os movimentos feministas urbanos e rurais que a muito haviam se distanciado na construção de uma luta coletiva. Sinto-me esperançosa em dizer que a percepção da necessidade de unir pautas das mulheres da cidade e do campo tem se tornado uma urgência.

## Algumas outras percepções e notas inconclusivas

Embora a exposição feita acima sobre o conceito de Bem Viver e a prática política das mulheres negras a partir dessa experiência tenha sido introdutória alguns pensamentos podem ser elaborados a partir dela. Um deles é que a adoção dos pressupostos oriundos dessa filosofia pelos movimentos sociais na América Latina, sejam eles feministas ou não, cresce como uma corrente e se mostra no momento como uma frente contra o avanço do conservadorismo.

Embora adquira contornos diferentes em cada sociedade há alguns pontos de encontro nas pautas dos movimentos sociais que demonstram que para além dos problemas comuns frutos das fendas nos sistemas coloniais, as práticas políticas tem se deslocado e vencido as barreiras geográficas e isso torna-se visível na unificação e apoio entre os movimentos sociais, sobretudo, os feministas contra hegemônicos.

Essa concepção é partilhada por Curriel (2017) quando nos fala sobre a possibilidade de uma “Corrente Feminista Autônoma Latino Americana” e seria justamente esse o caminho trilhado pelas mulheres negras e indígenas brasileiras em sua diversidade que buscam a descolonização de seus corpos, saberes e lutas. É nesse mesmo íterim que a autora nos convida a pensar aquilo que seria

---

7 Célia Xakriabá na Marcha das Mulheres Indígenas. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=wUn5jaOFr-jY&ab\\_channel=CanaldaResist%C3%Aancia](https://www.youtube.com/watch?v=wUn5jaOFr-jY&ab_channel=CanaldaResist%C3%Aancia) Acesso em: 30 nov. 2020.

esse feminismo decolonial, que se define da seguinte maneira:

a descolonización para nosotras se trata de una posición política que atraviesa el pensamiento y la acción individual y colectiva, nuestros imaginarios, nuestros cuerpos, nuestras sexualidades, nuestras formas de actuar y de ser en el mundo y que crea una especie de "cimarronaje" intelectual, de prácticas sociales y de la construcción de pensamiento propio de acuerdo a experiencias concretas. (CURIEL, 2009, p. 3)

No meio acadêmico arrisco-me a dizer que as correspondências entre os feminismos negros no Brasil e o conceito de Bem Viver tem se dado ainda de forma muito lenta no que diz respeito as produções teóricas. De maneira geral, as produções que mais tem se aproximado das discussões sobre a proposta do Bem Viver são encontradas nos campos da ciência socioambiental, que de alguma maneira se entremeiam com algumas propostas que se denominam como Ecofeministas, contudo, essa produção em sua maioria não é feita por mulheres negras ou indígenas.

Com isso, não posso deixar de destacar que a dificuldade de acesso e silenciamento das mulheres não hegemônicas na academia se reflete na ausência do debate qualificado acerca de temas transversais como esses confirmando o epistemicídio que nos atravessa cotidianamente. Mais uma vez, como é comum no que se refere ao caso dessas mulheres, os movimentos sociais se colocam a frente do ambiente acadêmico em compreender o conceito de Bem Viver e sintetizá-lo em suas práticas cotidianas.

Outro aspecto que vale a pena abordar é que, em muitos casos, Bem Viver tem se traduzido por aqui como sinônimo de autocuidado. Se por um lado uma proposta que instiga ao viver plenamente está intimamente ligada a esse aspecto, alguns cuidados são necessários para a conotação simplista que essa associação pode levar.

O Centro de Estudo e Associação Feminista- Cfmea lançou a cartilha **Bem viver para a militância feminista – Metodologias e experiências de autocuidado e cuidado entre mulheres ativistas** em que descreve práticas integrativas aplicadas e vividas por mulheres militantes, e as intitula como Bem Viver sendo que se ancoram sobre alguns princípios, a saber: Proteção e Reverberação.

Embora seja inegável a importância de construirmos espaços empáticos e embebidos de afeto para o exercício de uma militância feminista é necessário compreender que o sentido do Bem Viver está ligado a uma perspectiva política de emancipação bem mais ampla, reduzi-la a práticas de autocuidado pode ser uma armadilha ainda influenciada pelas bases neocoloniais em que se assenta nossa sociedade.

A imprecisão conceitual com que o conceito de Bem Viver tem sido usado, ao meu ver, se apresenta como um dos grandes desafios à expansão qualificada do debate na produção acadêmica, isso porque embora o número de citações em que o conceito aparece em alguns escritos, um esforço teórico em desvendar as correlações propostas por esse conceito ainda está para acontecer. Obviamente que a consolidação e difusão dessas ideias feita pelas mulheres negras e indígenas obriga os estudos de gênero a olharem com maior cuidado e interesse para o tema, o que ousar dizer tende a provocar uma mudança no campo teórico a partir dessas provocações.

Em suma, o que esse artigo procurou fazer foi apresentar algumas notas introdutórias sobre o conceito de Bem Viver, sua expansão na América Latina e suas possíveis correlações com as propostas das mulheres negras e indígenas no Brasil nesses últimos tempos. Pensando as produções teóricas e fazeres políticos que se espalham com uma onda nesse continente, as mulheres contra-hegemônicas no Brasil abraçam essa tendência e se traduz em suas marchas e documentos políticos produzidos a partir dele.

Adotado desde 2015 pelos movimentos de mulheres negras e indígenas a ideia de Bem Viver apresenta-se como uma ideia promissora de transformação do campo teórico dos estudos de gênero, aliando-se as produções desde os feminismos comunitários, decoloniais com um compromisso em ser antirracista e sexista.

Embora as bases conceituais por trás dessa filosofia de vida não sejam uma novidade a adoção do conceito pelos movimentos sociais e, conseqüentemente, a entrada pelas portas do conhecimento acadêmico, é um fenômeno recente, e pode representar uma tendência que ofereça ferramentas para pensar uma outra possibilidade de viver outros mundos.

Desse modo, qualquer que sejam as produções nesse sentido colaboram para um debate qualificado sobre o tema o que requer, inclusive, que estejamos atentos aos riscos contidos nessa proposta, e a garantia de que o protagonismo de mulheres negras e indígenas na consolidação desse caminho seja protegido e garantido à medida que ela se consolida.

## Referências

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción y la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In: ASOCIACIÓN PARA LA COOPERACIÓN (Eds.). **Feministas siempre**. Feminismos diversos: el feminismo comunitario. España: ACSUR-Las Segovias, 2010. Disponível em: [www.acsur.org](http://www.acsur.org). Acesso em: 10 maio 2021.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/TJMLC74qwb37tnWV9JknbkK/?lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2021.

CFEMEA. **Bem viver para a militância feminista – Metodologias e experiências de autocuidado e cuidado entre mulheres ativistas**. Disponível em: [https://www.cfemea.org.br/images/stories/publicacoes/bem\\_viver\\_para\\_militancia\\_feminista.pdf](https://www.cfemea.org.br/images/stories/publicacoes/bem_viver_para_militancia_feminista.pdf). Acesso em: 12 nov. 2020.

CIM. **Marcha das Mulheres Indígenas divulga documento final: "lutar pelos nossos territórios é lutar pelo nosso direito à vida"** Disponível em: <https://cimi.org.br/2019/08/marcha-mulheres-indigenas-documento-final-lutar-pelos-nossos-territorios-lutar-pelo-nosso-direito-vida/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **The black feminist thought**. London: Routledge, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, n. 1, v. 31, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso 11. nov. 2020.

CONSTANTE, Paula de Souza. **O Buen Vivir e a construção de uma alternativa ao desenvolvimento:** olhares sobre a Bolívia. Dissertação (Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina) - Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapeando as margens:** interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. Traduzido por Carol Correia. 1993. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%A2ncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1f>. Acesso em: 18 nov. 2020.

CURIEL, Ochy. Descolonizando el Feminismo: una perspectiva desde America Latina y el Caribe. Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista, 1., 2009, Buenos Aires. **Anais** [...]. Buenos Aires: [S.n.], 2009.

DÁVALOS, P. **Reflexiones sobre el Sumak Kawasy (El Buen Vivir) y las Teorías del Desarrollo.** 2008. Disponível em: <http://www.alainet.org/es/active/25617>. Acesso em: 05 maio 2021.

GELEDÉS. **Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e a Violência e pelo bem viver como nova Utopia.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-das-mulheres-negras-2015/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro,** Rio de Janeiro, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional,** Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura Brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as Rosas Negras.** São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANDER, Edgar. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Argentina: Clacso, 2005.

LACERDA R. F.; FEITOSA, S. F. **Bem Viver:** Projeto U-tópico e De-colonial. **Interritórios. Revista de Educação,** Caruaru, v. 1, n. 1, 2015.

PAREDES, Julieta. ¿Que es el Feminismo Comunitario? Bases para la despatriarcalización. 2. ed. Bolivia: Mujeres Creando Comunidad, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SORJ, Bila. O Feminino como Metáfora da Natureza. **Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 0, n. 0, p. 143-150, 2º sem. 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15806>. Acesso em: 15 nov. 2020.